

Tempos de Crise

Os últimos tempos têm sido dominados pelas referências à crise, seja nas conversas entre amigos, familiares ou companheiros de trabalho, nos noticiários, nas entrevistas, nos artigos de opinião, encarada nos conceitos da competitividade ou da produtividade, no plano nacional ou a nível global. De facto, a crise económica e financeira está instalada e, segundo a opinião dos mais pessimistas e essencialmente dos mais conhecedores e bem informados, por tempo indeterminado.

Afecta-nos a todos, aos diversos sectores da vida activa e, por consequência, também o sector vitivinícola está envolvido.

Aliás, o sector vitivinícola tem vivido inúmeros períodos de crise, digamos mesmo que é um sector permanentemente em crise ou pelo menos ciclicamente afectado por crises. Sem se pretender recuar a épocas anteriores ao tempo do Marquês de Pombal, que com o intuito de atenuar uma crise deu azo a outros movimentos de crise, recordamos o aparecimento do oídio a meio do século XIX, logo seguido de outro período difícil com a quebra das exportações em resultado do abuso de enxofre na vinha que tornava os vinhos imbebíveis. Quase de imediato nova crise se abate sobre o sector com o aparecimento da filoxera e a destruição de praticamente todo o patri-

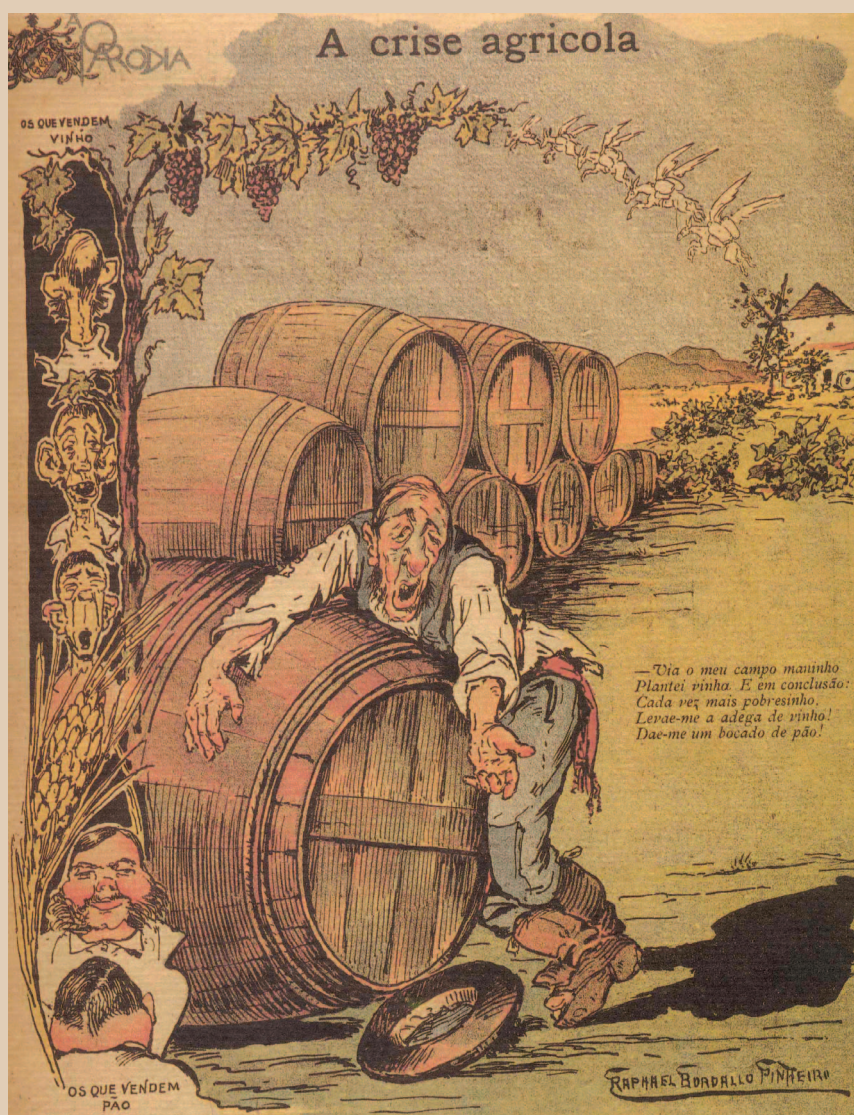
mónio vitícola nacional. Debelada esta praga e retomada a cultura, com a pujança das vinhas novas, há um excesso de produção e sérios problemas no seu escoamento. Entretanto, e antes que o século findasse, nova doença surge - o míldio - promovendo uma inversão total da situação. Algumas décadas depois a produção atinge patamares elevados em resultado da ocupação de terrenos de elevada fertilidade e da introdução de castas de gran-

mónio vitícola nacional.

Debelada esta praga e retomada a cultura, com a pujança das vinhas novas, há um excesso de produção e sérios problemas no seu escoamento.

Entretanto, e antes que o século findasse, nova doença surge - o míldio - promovendo uma inversão total da situação.

Algumas décadas depois a produção atinge patamares elevados em resultado da ocupação de terrenos de elevada fertilidade e da introdução de castas de gran-



de capacidade produtiva, o que se reflecte no abaixamento da qualidade.

Entretanto, a perda do mercado das colónias, a redução do consumo - que nos últimos 40 anos se viu reduzido em 50 por cento quando avaliado em litros per capita - o constante aumento dos custos de produção e outros, levaram a que a já habitual referência de sector em crise mantivesse actualidade, facto que a nível regional está bem expresso na considerável redução de área de vinha.

Se o sector foi ciclicamente sujeito a crises também é lícito reconhecer-se que sempre soube ultrapassá-las e no momento actual há que aproveitar os instrumentos que são disponibilizados, dos quais sumariamente podem ser referenciados o apoio ao arranque de

vinhas economicamente inviáveis, as ajudas à reestruturação e reconversão de novas vinhas e as medidas de apoio à promoção de vinhos para países terceiros e que, no seu conjunto, se integram dentro dos princípios da OCM recentemente aprovada.

Será uma ocasião e uma forma de superar a crise, possivelmente a última e, portanto, uma oportunidade a não perder.

João Carvalho Ghira
Presidente da CVRLisboa